

GERBASI, Anna Carolina Jardim. A Prática Exploratória como uma vertente da Pesquisa do Praticante: uma pesquisa sobre as afetividades na relação professor-aluno. *Pesquisas em Discurso Pedagógico*, n.31, dez. 2022.

A Prática Exploratória como uma vertente da Pesquisa do Praticante: uma pesquisa sobre as afetividades na relação professor-aluno

Anna Carolina Jardim Gerbasi¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Resumo: Este artigo tem por objetivo expandir a Prática Exploratória, e para isso, apresento-a como uma vertente da Pesquisa do Praticante, aproximando-a e diferenciando-a das demais pesquisas em sala de aula. Utilizo a Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 2003; ALLWRIGHT, HANKS, 2009; HANKS, 2017) como orientadora da minha pesquisa, de maneira ideológica, metodológica e ética, e pretendo mostrar aqui como isso é possível.

Palavras-chave: Pesquisa do Praticante. Prática Exploratória. Relação professor-aluno.

Abstract: This article aims to expand Exploratory Practice, and for that, I present it as a Practitioner Research strand, approaching and differentiating it from other classroom researches. I use Exploratory Practice (ALLWRIGHT, 2003; ALLWRIGHT, HANKS, 2009; HANKS, 2017) as a guide for my research, in an ideological, methodological and ethical way, and I intend to show here how this is possible.

Keywords: Practitioner Research. Exploratory Practice. Teacher-student relationship.

¹ Orientada pela professora Dra. Inés Kayon de Miller.

1. INTRODUÇÃO

A sala de aula é um contexto privilegiado para pesquisas sociolinguísticas, tendo em vista seu espaço de trocas humanas entre seus participantes que proporcionam, assim, situações discursivas que podem promover entendimentos situados para todos. Acima de tudo, a sala de aula é um contexto privilegiado para pesquisas que envolvam a preocupação com a amorosidade² nas relações – seja na ausência ou na presença.

Cresci frustrada com a falta de amor nas salas de aula em que fui formada, inundadas por discursos de professores que humilhavam, diminuía e desanimavam os alunos. Isso provocou em mim uma necessidade de construir um casulo na sala de aula, onde me “escondia” e não emitia nenhuma interação verbal com o professor, mesmo tendo dúvidas. Com medo de haver algum tipo de repressão, como via ocorrendo com outros colegas, fechei-me às trocas naquele espaço. Naturalizei isso em mim e resultados positivos saíram disso, por ser considerada uma aluna ótima aos olhares dos professores conservadores que gostavam de cadernos preenchidos e silêncio em suas aulas, e por eu funcionar bem nesta situação acomodada. Apenas tive contato com outros tipos de práticas pedagógicas além das que tinha experienciado ao conhecer a Prática Exploratória (PE) no curso de licenciatura em Letras da PUC-Rio, quando entendi que o método vertical de ensino o qual me obrigaram a normalizar a vida inteira não era o único, mas o canonizado pelo sistema escolar.

Foi como uma luz no fim do túnel conhecer e experienciar práticas pedagógicas que propunham a inserção do aluno nos processos, que valorizavam as questões vivenciadas em sala por serem, acima de tudo, práticas humanas. Práticas que consideravam os participantes da dinâmica da sala de aula como humanos, com questões, conhecimentos próprios, individualidades e vivências únicas, reconhecendo-os, assim, para além de seus papéis exercidos institucionalmente. A Prática Exploratória me permitiu entender que esta inclusão ética e respeitosa do outro era possível não só nas minhas crenças e em teorias, mas na prática, alinhando-se ao que mais faz sentido para mim como professora. A partir desse viés inclusivo e amoroso, a Prática Exploratória também propõe uma prática investigativa como postura, para que os participantes do contexto escolar sejam também praticantes críticos destes espaços, pesquisando-os. Com

² Entendendo amor na concepção de bell hooks (2000) como prática social, de resistência e de ética.

GERBASI, Anna Carolina Jardim. A Prática Exploratória como uma vertente da Pesquisa do Praticante: uma pesquisa sobre as afetividades na relação professor-aluno. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.31, dez. 2022.

isso, é possível utilizar a Prática Exploratória também como aporte em pesquisas acadêmicas, como feito por tantos pesquisadores na área (NUNES, 2017; CORTÊS, 2017; PIEDADE, 2019; MACIEL, 2021).

Assim, dentre as formas de pesquisar de maneira qualitativa interpretativista a sala de aula, a Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 2003; ALLWRIGHT, HANKS, 2009; HANKS, 2017) foi a escolhida para me guiar neste processo. Como o meu enfoque central de pesquisa é entender melhor as afetividades envolvidas na relação professor-aluno a partir de suas trocas discursivas, os pressupostos para me auxiliarem a promover estes entendimentos se alinham aos éticos-metodológicos da Prática Exploratória. Mesmo que a minha pesquisa não seja realizada sociossituada na sala de aula, mas sim a partir do contexto pedagógico iniciado em um espaço já frequentado pelos participantes da pesquisa, o ensino-aprendizado está presente, assim como a atitude exploratória.

Este trabalho pretende mapear a Prática Exploratória no contexto da pesquisa em sala de aula como uma modalidade da Pesquisa do Praticante, mas com especificidades inclusivas pedagógico-metodológicas às quais me alinho fortemente. Irei apresentá-la mais a fundo, expondo seus princípios teorizados por seus praticantes, iniciada pelo discurso seminal de Allwright, e expandida na prática, principalmente pelo Grupo da Prática Exploratória no Rio de Janeiro. Ainda, objetivo apresentar alinhamentos possíveis entre a PE e a Linguística Aplicada Contemporânea, explicitando como ambas são essenciais na minha pesquisa.

2. UM BREVE HISTÓRICO DE PESQUISA EM SALA DE AULA

Estudar a sala de aula é uma prática antiga, realizada inicialmente por pesquisadores externos ao contexto escolar com objetivos tecnicistas e mercadológicos de observar o espaço e de perceber o que havia de “errado” nele, para que, então, a escola pudesse melhorar estes erros para conseguir “melhores resultados”. Tais pesquisas não prevaleceram principalmente pelo caráter positivista de generalizar considerações, desconsiderando aspectos humanos intrínsecos das relações em sala de aula, sendo assim, condenadas a falhar. Como em toda pesquisa, o contexto aqui é um aspecto extremamente relevante, e ninguém melhor para investigar um espaço do que uma pessoa que o experiencia. Seja trabalhando, estudando, morando, qualquer que seja a relação “familiar” com contextos irá proporcionar conhecimentos privilegiados para o pesquisador de seu contexto, já que pertence a ele. Como Gilberto Velho propõe (1987, p. 131):

o estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidade de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações da origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas com uma realidade muito mais complexa do que aquela representada por mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados.

O espaço da sala de aula é, por natureza, complexo em termos das dinâmicas de ensino-aprendizado; para além disso, a complexidade permeia também os indivíduos presentes nestas dinâmicas, assim como as suas interações, proporcionando situações específicas deste contexto. Logo, é inegável afirmar que pessoas de dentro deste imbricado contexto conseguem ter condições melhores de investigá-lo do que pesquisadores de fora. De fora do espaço escolar, estes não seriam capazes de ter uma dimensão plena do contexto em questão, pois não têm as inteligibilidades necessárias para compreender o que não vivenciam na prática. Friso aqui que, por outro lado, pesquisas autoetnográficas, que investigam seus próprios contextos, são até hoje menos valorizadas exatamente pelos aspectos do “familiar”, os mesmos que beneficiam os estudos. Isso porque levam em consideração fatores subjetivos, invariavelmente, os quais são desvalorizados no contexto acadêmico pelo “perigo” de “contaminar” a pesquisa – a qual, supostamente, nos termos positivistas, deveriam ser objetivas e imparciais. Gilberto Velho (1987, p. 131) propõe uma saída para isso *estranhando o familiar*, correspondente a “quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações.”. Assim, um esforço do professor-pesquisador é necessário para *estranhar o familiar* no processo investigativo, em um processo de reconhecimento de suas próprias emoções, crenças e idealizações, para então colocá-las em diálogo com os entendimentos alcançados na investigação e, a partir disso, novos entendimentos poderem ser gerados.

Inspirados na linha etnográfica, assim, professores passaram a ser os próprios pesquisadores do contexto vividos por eles, tendo de início um tímido olhar para as suas subjetividades e para aquelas presentes em suas salas de aula. Será apresentado aqui como teve início essa investigação pela Pesquisa do Praticante e, posteriormente, pela Prática Exploratória.

2.1 Pesquisa do Praticante

A Pesquisa do Praticante (cf, *practitioner research*, Allwright & Hanks, 2009) foi proposta como uma “nova direção” para as pesquisas em sala de aula, entendendo, agora, o professor como praticante do processo investigativo. Hanks (2017, p.29, tradução minha³) propõe a Pesquisa do Praticante como uma família, “portando DNA semelhante, mas decididamente indivíduos com identidades distintas”. Isso porque compreende tipos de pesquisa com diferentes direcionamentos e abordagens, como a Pesquisa Ação, a Pesquisa do Professor, a Prática Reflexiva e a Prática Exploratória. Cada uma tem suas particularidades, mas convergem no princípio primário de serem investigações realizadas pelo professor de seu próprio contexto prático de trabalho, e não um mero “participante”, como na Pesquisa do Participante – em que os pesquisadores não fazem parte da dinâmica escolar. Em relação a essa diferença, Allwright (2003, p.1, tradução minha⁴) postulou que “toda pesquisa já é pesquisa participante, na medida em que os pesquisadores são inerentemente incapazes de se excluir adequadamente dela.”. Assim, entende-se novamente como o *familiar* pode ser benéfico, já que, ao ser o pesquisador de sua própria vivência, possibilitam-se entendimentos específicos da sua realidade e de suas qualidades de vida.

Dentro da Pesquisa do Praticante, uma forma de pesquisa muito utilizada a partir da década de 40 foi a Pesquisa Ação, que é, de acordo com David Tripp (2005, p.445)

estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional.

Esta foi difundida em ampla escala no Brasil por Paulo Freire, que identificava e denunciava problemas no cenário educacional e social no país, instruindo formas de melhorá-las. Na época, a Pesquisa Ação também foi aplicada em muitas escolas com este mesmo intuito de intervir no que fosse visto como problemático e propor um plano de ação para alterá-lo, e, assim, solucionar o que estava antes “errado”. No entanto, como podemos observar na permanência da grande maioria dos problemas apontados e discutidos por Paulo Freire, por exemplo, em suas obras, a Pesquisa Ação falha em focar na implementação de mudanças para problemas imediatos com foco na perspectiva do professor. Isso porque, em sala de aula, estamos lidando com pessoas, e tratar elas e suas

³ No original: “carrying similar DNA, but decidedly individuals with distinct identities”.

⁴ No original: “all research is already participant research, in that researches are inherently incapable of adequately excluding themselves from it”.

questões apenas como “problemáticas”, sem ouvi-las e buscar entender suas questões, é fadar o processo ao fracasso. Pessoas estão em constante mudança, assim como as interações entre elas, e na escola isso não é diferente. Portanto, para propor mudanças neste espaço, é necessário, no mínimo, considerar todas as pessoas envolvidas, e não excluir os alunos deste processo. Diferente desta lógica excludente e imediatista está a Prática Exploratória, recente membro da família da Pesquisa do Praticante, que se diferencia das familiares por, principalmente, não propor mais intervenções, e sim busca por entendimentos, incluindo todos no trabalho investigativo. Agora, os alunos não seriam mais silenciados e excluídos, mas escutados e considerados em todas as partes do processo – tanto nas aulas quanto nas pesquisas, ao se engajarem nas aulas-investigativas. Com viés ético-metodológico, a Prática Exploratória propõe pesquisar *com* os alunos, objetivando “entendimentos particulares que são diretamente apropriados às suas situações únicas” (ALLWRIGHT; HANKS, 2009, p.146, tradução minha⁵).

Quero ressaltar que a explanação maior que faço da Pesquisa Ação e a apenas citação da Pesquisa do Professor e da Prática Reflexiva foi por conta da relevância maior da primeira no contexto da investigação em sala de aula, e também para criar um plano de oposição com o meu enfoque, que é a Prática Exploratória. Além disso, quero frisar que as considerações sobre a Pesquisa Ação e as demais pesquisas não são na intenção de menosprezá-las, mas sim de reconhecê-las como importantes na Pesquisa do Praticante e também na formulação na formulação inicial de Allwright e Bailey (1991), no que os autores denominaram de Ensino Exploratório (cf. *Exploratory Teaching*).

3. A ORIGEM DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA

A Prática Exploratória vai na contramão das pesquisas qualitativas interpretativas em sala de aula que dão ênfase ao produto e à melhoria, entendendo que o contexto escolar é muito complexo para soluções imediatas e, muitas vezes, superficiais (HANKS, 2017). Para isso, Allwright e Bailey (1991) propuseram a sustentabilidade da postura investigativa na prática ao pesquisar o próprio fazer pedagógico – a prática em si, como ela é realizada pelo professor e pelos alunos, assim como as questões que os atravessam. Seria sustentável a pesquisa em sala de aula pela abordagem da Prática Exploratória, então, por aliar o pedagógico ao investigativo, de uma maneira orgânica e inclusiva.

⁵ No original: “particular understandings that are directly appropriate to their unique situations”.

Seriam sustentáveis também as relações entre os participantes deste espaço bem como a dos participantes com suas práticas de ensino-aprendizagem. Primeiramente, por ser levada em consideração a escuta ativa de todos e as trocas de questões, e, em segundo lugar, por priorizar o desenvolvimento e constante construção de si. A prática investigativa da Prática Exploratória, então, caminha na tentativa de entender o que está acontecendo na sala de aula (ALLWRIGHT, 2003, p.118), e sua estratégia central é realizar isso por meio da reflexão crítica em cima de *porquês* – questionamentos, simples ou complexos, objetivos ou subjetivos, que de alguma forma inquietam os praticantes daquele grupo.

A partir dos *porquês*, criam-se os *puzzles* (questões instigantes), que não devem ser apenas traduzidos para o português como “quebra-cabeças”, pois a intenção não é entendê-los como partes de um todo, mas sim totais em si. Assim, pesquisadores na PE partem de suas *questões instigantes*, e não de *problemas*, como é realizado na Pesquisa Ação, na qual já traz uma pré-indicação de que a investigação em sala será sobre aspectos necessariamente problemáticos, visando as suas melhorias.

Como afirma Allwright (2003, p.2, tradução minha⁶), “A Prática Exploratória foi projetada com este propósito: para oferecer uma maneira baseada em princípios, assim como prática, para os praticantes pesquisarem suas próprias práticas.”. Os princípios aos quais ele se refere foram elaborados como orientadores para os praticantes exploratórios, criados de maneira colaborativa, passíveis de alteração conforme houver necessidade. São sete no total, mas a numeração e a ordem entre eles não são consideradas, pois são todos igualmente importantes para a prática, e constam no *ebook* feito na pandemia de COVID-19 por alguns dos integrantes da PE (GRUPO DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA, 2020, p.8):

- Colocar a qualidade de vida em primeiro lugar
- Trabalhar para entender a vida na sala de aula
- Envolver todos neste trabalho
- Trabalhar para a união de todos
- Trabalhar também para o desenvolvimento mútuo
- A fim de evitar que o trabalho esgote seus participantes, integrar este trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula e de outros ambientes profissionais

⁶ No original: “Exploratory Practice has been designed for this purpose: to offer a principled, as well as practical, way for practitioners to research their own practices.”

- Fazer com que o trabalho seja contínuo e não uma atividade dentro de um projeto

A preocupação máxima com *as qualidades das vidas* em sala de aula, como também pessoalmente tenho, é um orientador constitutivo da Prática Exploratória por considerar a humanidade dos participantes deste espaço. Isso porque, em consonância com Miller (2012), não existe vida paralela à sala de aula; uma atravessa a outra, inevitavelmente, e negar isso é negligenciar o poder das relações humanas, como se houvesse uma barreira entre os sentimentos de cada participante deste espaço e o conteúdo de aula a ser coconstruído. Pelo contrário, a Prática Exploratória propõe exatamente *a integração do trabalho em sala com as questões dos alunos, a fim de evitar o esgotamento dos participantes*, de forma a conciliar as “demandas” da escola às questões dos seus participantes e, assim, tornar o trabalho mais produtivo a todos. Ao unir práticas pedagógicas à vida dos participantes deste espaço, estamos *trabalhando para entender a vida na sala de aula*, as muitas vidas, na verdade, por neste espaço conter tantos universos individuais e interacionais. Para isso, é importante que *todos estejam envolvidos neste trabalho*, sendo proveitoso para o entendimento de cada participante e o enriquecimento de suas experiências em sala, em um *desenvolvimento mútuo*.

É valioso, também, que o praticante exploratório leve estes princípios para seu cotidiano, sendo assim um *trabalho contínuo e não uma atividade dentro de um projeto*, pois seu potencial é maximizado quando constante. Isso tudo só pode ser possível com a *união de todos* os participantes do contexto escolar, no qual estão inseridos alunos, professores, diretores, coordenadores, profissionais da limpeza e da cozinha, inspetores, todo o coletivo que se une para uma escola funcionar e para incluir o trabalho dos que se propuserem a serem praticantes exploratórios.

Mesmo que a minha pesquisa não seja realizada atrelada a alguma prática pedagógica *em sala de aula*, ela é feita *a partir e sobre* a sala de aula, em colaboração com meu aluno-colaborador. Conhecemo-nos em sala de aula, quando eu era sua professora de redação, e nossas trocas exploratórias-investigativas são sobre suas vivências no contexto escolar. Assim, os princípios das práticas elaboradas pela Prática Exploratória estão presentes em todas as partes da minha pesquisa, sendo os dois princípios centrais: *Trabalhar também para o desenvolvimento mútuo e trabalhar para entender a vida em sala de aula*. Isso porque considero como essencial criar *oportunidades de aprendizado* (ALLWRIGHT, 2006, p.14) para todos os participantes

da pesquisa – no meu caso, meu aluno-colaborador e eu-, pensando, construindo e refletindo juntos sobre as questões em sala de aula. Parto do princípio que ambos somos praticantes da pesquisa, de maneira similar – considerando as diferenças intrínsecas -, objetivando ao máximo que meu aluno-colaborador seja tão ativo como eu neste processo e que os entendimentos momentâneos também sejam desenvolvidos em conjunto por nós dois. Para isso, na análise dos dados, serão utilizadas as contribuições que construiremos juntos, para que nossas questões sejam tematizadas na investigação.

Allwright (2003, p.3, tradução minha⁷) afirma sobre a pesquisa: “cada vez mais temos que confrontar a possibilidade de que o mundo (especialmente o mundo social) é inerentemente complexo e, portanto, não deve ser entendido de forma fragmentária.”. Alinho-me à consideração da complexidade inerente que cada um carrega consigo na pesquisa - e que, pessoalmente, é o que eu mais aprecio nos indivíduos: as suas idiossincrasias. Para isso, abro espaço e permito que sejam destacados, aprofundados e analisados o que de mais subjetivo meu aluno-colaborador e eu temos de constitutivo de nossas individualidades, dando-os destaque em minha pesquisa.

3.1 Como a Prática Exploratória está presente hoje no grupo do Rio de Janeiro

A história da Prática Exploratória no Rio de Janeiro converge com o seu próprio início, quando Allwright foi à cidade a convite da Cultura Inglesa para lecionar em um curso sobre pesquisa em sala de aula e ser consultor de pesquisas em sala de aula (ALLWRIGHT, 2003, p.117). Então, uma década de trabalho teórico de Allwright foi posto em prática com professores no Rio de Janeiro, o que foi uma oportunidade para ele colocar à prova seus ideais e adaptá-los às necessidades locais. A partir disso, a Prática Exploratória começou a ser pensada junto com os professores-praticantes no Rio de Janeiro, conforme colhiam entendimentos, alinhando teoria e prática.

Houve, assim, um avanço nas reflexões sobre os princípios e as práticas da Prática Exploratória entre os professores-praticantes, a partir de suas trocas reflexivas das práticas profissionais nas escolas e universidades da cidade. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especificamente, a PE foi difundida fortemente na formação de professores. Incluo-me nos (ultraprivilegiados) estudantes do curso de licenciatura de

⁷ No original: “increasingly we are having to confront the possibility that the world (especially the social world) is *inherently complex*, and therefore not to be understood in some fragmentary fashion”.

Letras que foram apresentados à postura e à prática investigativo-inclusiva da Prática Exploratória, promovida desde o início de nossa jornada profissional.

Uma das professoras que é uma praticante exploratória de grande destaque também marca a minha própria história por ser professora na mesma escola na qual lecionei pela primeira vez. Seu entusiasmo pelo seu trabalho era tão vibrante que, na época, fui tocada e desejei ter o mesmo ânimo para lecionar como ela um dia. Hoje, consigo compreender a sua grande motivadora: ser uma praticante exploratória. Como a própria diz no *ebook* da Prática Exploratória (2020, p.34), ela possui um “porto seguro para a criatividade”, pois sente que “tudo sempre é tão bem-vindo! Encontrei meu espaço. Saí da caixinha de metodologias vazias e regras de sala de aula, criadas por quem nunca esteve em sala de aula” (2020, p.34).

A vida é inconstante e complexa, e a sala de aula, por ser atravessada pela vida, também será. Acredito que o melhor a se fazer como praticante exploratório é abraçar a confusão, e fazer o melhor diante das possibilidades do momento presente – não daquele que tentou ser previsto, moldado na preparação prévia da aula. “Estar preparado para o inesperado” era uma frase que ouvia repetitivamente do professor regente que tive, no PIBID, e que tenho sempre em mente não só na sala de aula, mas também para a minha vida.

4. ALINHAMENTOS ENTRE A PRÁTICA EXPLORATÓRIA E A LINGUÍSTICA APLICADA

O meu trabalho de pesquisa, ao estar alinhado aos princípios ético-metodológicos da Prática Exploratória, inevitavelmente também estará em consonância aos conceitos e pressupostos da agenda da Linguística Aplicada Crítica Contemporânea (Moita Lopes, 2006; 2013). Isso por conta do caráter transgressor que compartilham, como ao promoverem uma transcendência aos paradigmas irrealis do ensino tradicional – e desconectado com as reais demandas dos alunos -, para citar apenas uma de suas convergências teóricas. Vejo na Prática Exploratória, portanto, mais que um suporte de filosofia de conduta ética e amorosa em sala, mas também um apoio teórico-metodológico, que me guiará durante toda a pesquisa, assim como fizeram Cortês (2017), Piedade (2019) e Maciel (2021), alguns do Departamento de Letras da PUC-Rio, mestres e doutores, que também pesquisaram da forma como proponho.

Ainda sobre a convergência da Prática Exploratória com a Linguística Aplicada Crítica Contemporânea, vejo a primeira claramente na afirmação de Fabrício (2006), ao afirmar a segunda como a tentativa de “desaprendizagem como possibilidade de conhecimento” (FABRÍCIO, 2006, p.59). Na Prática Exploratória, incentiva-se a inovação, e, como Walewska (2020, p.34), assídua praticante exploratória declara no *ebook* da Prática, “tudo é sempre tão bem-vindo” e que a possibilitava sair de “caixinha de metodologias vazias e regras de sala de aula, criadas por quem nunca esteve em sala de aula”. Acredito ser possível, dessa forma, ver a concordância de ambas as perspectivas das pesquisas da Prática Exploratória e da Linguística Aplicada em suas propostas inclusivas e situadas, ao considerar as vozes dos participantes e os seus contextos específicos, que resultarão em entendimentos próprios a essas pessoas e suas situações. Como Moita Lopes (2009, p.34) afirma, a agenda da Linguística Aplicada atual interessa-se

na construção de alternativas para o presente, baseando-se na constatação de que muitas das narrativas que nos contaram sobre quem somos ou sobre como as coisas do mundo são estão em crise ou estão sendo seriamente questionadas.

Acredito que a Prática Exploratória também compartilha da crença na pesquisa voltada à escuta de vozes plurais, especialmente as de quem tiveram as suas negadas por muito tempo na academia, possibilitando que outras narrativas circulem neste meio. Assim, ao incluir o aluno na pesquisa, os praticantes exploratórios levam à academia (ou aos espaços escolares em seus cotidianos) as narrativas dos estudantes sobre suas vivências, experiências e emoções em um contexto escolar que ainda negligencia demasiadamente a individualidade destes.

Além disso, entendo os princípios orientadores do praticante exploratório em um caminho distinto do ensino canonizado e ultrapassado, mas ainda estabelecido na grande maioria das escolas hoje, que busca: “receitas prontas de ‘sucesso garantido’ ao invés de verdadeiros espaços para reflexão” (MOITA LOPES, 2013, p. 106). Isso porque a Prática Exploratória

reinventa a vida em sala de aula e as formas de produzir conhecimento nelas, na medida em que Allwright reconhece a capacidade profissional do professor e dos alunos para produzir conhecimento a respeito de suas vivências – o ensino-aprendizagem. (MILLER, 2012, p.323)

Pessoalmente, precisei passar por um processo interno de *desaprendizagem* quando me deparei com a Prática Exploratória e suas noções de dinâmicas em sala, novas para mim. A única forma de ensino conhecida na minha jornada como aluna na escola foi a expositiva, exaustiva, que não considerava a vivência de seus praticantes, suas individualidades, muito menos as incentivava. Tive que reinventar a minha concepção de sala de aula, e hoje me alinho às propostas que *reinventam a vida em sala de aula*, tendo em vista a dinâmica de ensino-aprendizagem única de cada contexto, que deve ser sempre levada em consideração. Como Allwright (2006, p.15) propõe como direções promissoras para a Linguística Aplicada, a Prática Exploratória se apresenta como sua alternativa para o paradigma de pesquisa na área, buscando *entendimentos* em detrimento de *conhecimentos*. Entendimentos esses advindos da investigação conjunta de alunos e de professores, levando em consideração suas idiossincrasias e os fatores que afetam as qualidades de suas vidas em sala de aula.

5. ENTENDIMENTOS MOMENTÂNEOS

Diante do esclarecimento de como a Prática Exploratória se insere na Pesquisa do Praticante, assim como se diferencia das pesquisas em sala de aula, principalmente da Pesquisa Ação, e de como se relaciona com a Linguística Aplicada, restam algumas reflexões a se fazer.

Tenho grande crença no potencial da pesquisa aprofundada em um caso específico, tendo em vista o quanto é possível explorar dentro de uma interação única. Optar por um aluno como colaborador foi coerente porque esta escolha em si seria um exemplo do meu tema de pesquisa: as afetividades presentes na relação professor-aluno. Amparada pelo paradigma de pesquisa qualitativo-interpretativista, alinhando-o à agenda crítica contemporânea da LA e ao viés ético-metodológico da Prática Exploratória, a pesquisa de um caso específico se faz bastante relevante.

Pretendo contribuir para a área sendo mais uma investigação do contexto escolar realizada em conjunto com um estudante, destacando suas questões sobre sua vivência em sala de aula. Proponho trocas exploratórias com meu aluno-colaborador, a partir do tema maior “relação professor-aluno”, mas direcionadas para onde a conversa for nos levar – posiciono-me em um lugar de troca horizontal com este meu aluno-colaborador,

GERBASI, Anna Carolina Jardim. A Prática Exploratória como uma vertente da Pesquisa do Praticante: uma pesquisa sobre as afetividades na relação professor-aluno. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.31, dez. 2022.

facilitado por nenhum de nós estarmos mais vinculados à escola no qual nos conhecemos. Assim, a pesquisa objetiva ampliar as narrativas dos alunos no meio acadêmico por meio de investigações que sejam realizadas *com* estudantes, entendendo-os como participantes-praticantes da pesquisa. Com isso, pretendo também motivar outros professores a estudarem seus próprios contextos de trabalho em conjunto com seus alunos. No entanto, para além das contribuições para a academia, pretendo que ela gere em mim e em meu aluno-colaborador entendimentos profundos sobre nós mesmos e nossas práticas, visando nosso *desenvolvimento mútuo*.

Referências bibliográficas

ALLWRIGHT, Dick. **Why Social Science Research Needs to be Practitioner Research: Arguments for “Exploratory Practice”**. Unpublished manuscript. Rio de Janeiro, 2003.

_____. Six Promising Directions in Applied Linguistics. In: Gieve, S. and I.K. Miller. (Ed.) **Understanding the language classroom**. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2006, p.11-17.

ALLWRIGHT, D. & BAILEY, K. **Focus on the Language Classroom: An Introduction to Classroom Research for Language Teachers**, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

COCHRAN-SMITH, Marilyn, L. LYTLE, Susan. 2009. **Inquiry as Stance: Practitioner Research for the Next Generation**. New York: Teachers College Press, Columbia University, 2009.

FALABELLA, Fabrício. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem, IN: MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GRUPO DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA DO RIO DE JANEIRO. **Por que trabalhar para entender a vida na sala de aula? Histórias do Grupo da Prática Exploratória**, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/czk54amx>. Acesso em: 12 out. 2022.

HANKS, Judith. **Exploratory Practice in Language Teaching: Puzzling About Principles and Practices**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2017.
hooks, bell. **All about love: new visions**. New York: HarperCollins Publishers, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação da linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCCA. P. (Org.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

GERBASI, Anna Carolina Jardim. A Prática Exploratória como uma vertente da Pesquisa do Praticante: uma pesquisa sobre as afetividades na relação professor-aluno. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.31, dez. 2022.

_____. Linguística aplicada na modernidade recente. -1 ed- São Paulo: Parábola, 2013.

MILLER, Inés Kayon de. Prática Exploratória na educação continuada de professores de línguas: inserções acadêmicas e teorizações híbridas. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F.G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Orgs.). **A Formação de Professores de Línguas: Novos Olhares** – Volume II. São Paulo: Pontes Editores, 2012, p. 319-34.

TRIPP, David. **Pesquisa ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 131.

A AUTORA

Anna Carolina Jardim Gerbasi é mestranda do Programa de Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2021-presente), com a pesquisa em andamento com o tema “Os afetos de um aluno e de uma professora: a investigação de construções discursivas em conversas exploratórias”. Formou-se em Letras-Licenciatura Monolíngue da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2016-2020), onde participou dos programas de licenciatura PIBID, nos anos iniciais da formação (2017), e Residência Pedagógica, nos finais (2019-2020). Desenvolveu uma pesquisa com o tema “A relação entre alunos-PIBIDs-professor”, apresentada em diversos eventos da Prática Exploratória, iniciando os estudos que desenvolve hoje.